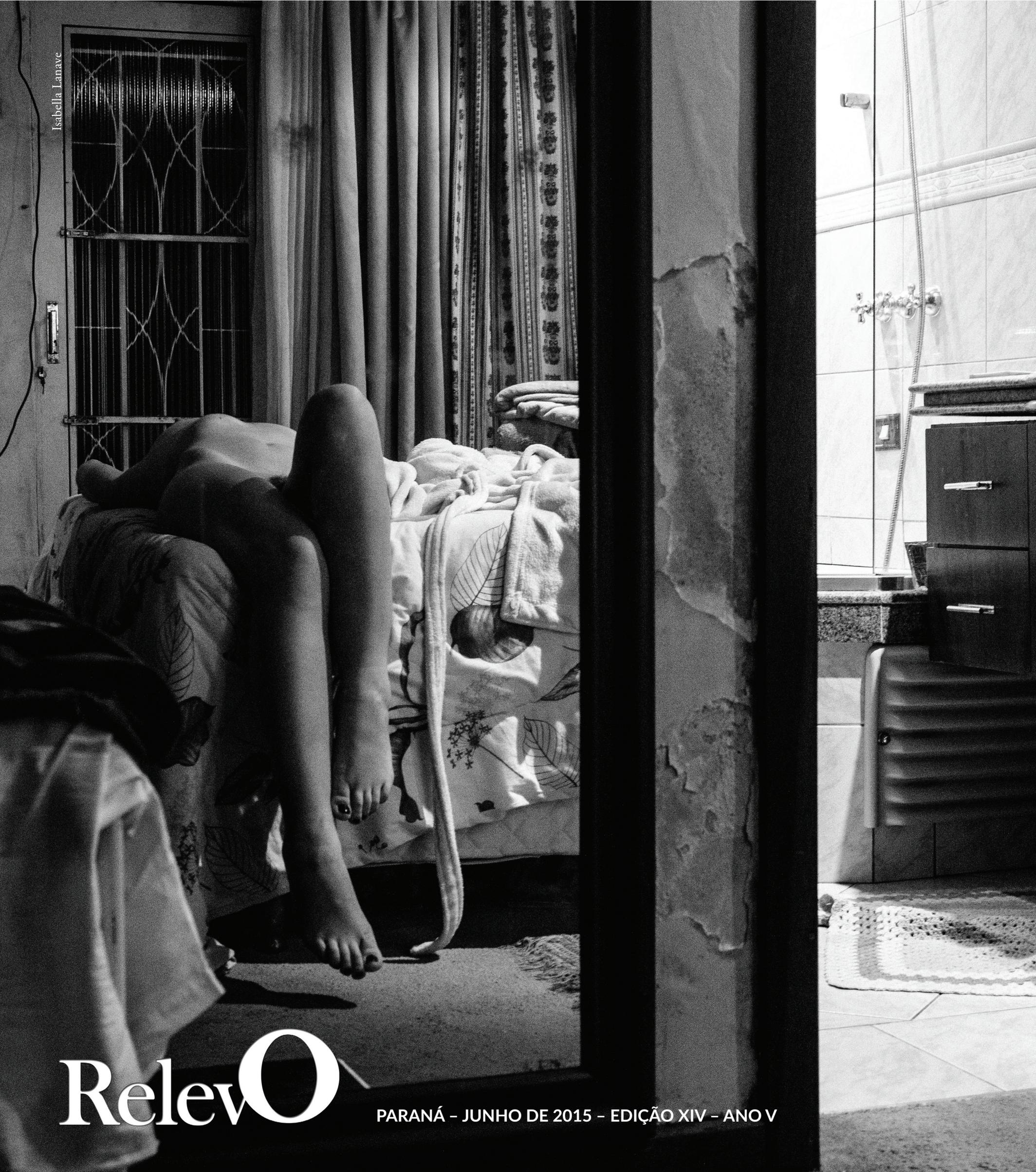


Isabella Lanave



# RelevO

PARANÁ - JUNHO DE 2015 - EDIÇÃO XIV - ANO V

Ryane Leão **05**

Victoria Lobbo Lilith **10**

Assionara Souza **12**

Cristina Judar Do céu, versão menor **14**

Patricia Laura Figueiredo Verniz **17**

Letícia Palmeira Savana de esconderijos **20**

Julliana Bauer Miudezas **22**

Julliane Brita Fonética dos beijos **24**

Kamila Behling Os pássaros que somos **26**

Gustavo H. Dalaqua “Reborn”: a vida que se escreve **28**

Julie Fank Notas sobre uma quarta-feira de cinzas entre quatro capas **31**

**06** Da Crítica [1] *Camila von Holdefer*

**11** Inevitável cansaço *Ellen Maria Vasconcellos*

**13** \*a proeminência laríngea das araucárias *Andréia Carvalho Gavita (Trad. Samantha Beduschi Santana)*

**15** *Júnia Azevedo*

**19** Cena avulsa de alguma de nós III: A culpa não é de Dostoiévski *Natasha Centenaro*

**21** Sem nenhum começo *Patricia Laura Figueiredo*

**23** Partes/Bando/Retrós *Daniela Dellas*

**25** Você tem um minuto para falar da palavra da **Enclave?**

**27** Apontamento *Vássia Silveira*

**30** Esfigmomanômetro *Carolina Goetten*

**32** Treze fragmentos do filme: ninguém tem ressaca, só eu *Maria Mion*

## Expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeyre **Ombudsman** Carla Dias **Projeto Gráfico** Marcell Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 3 de junho de 2015.

## Ilustrações

As fotos da capa e das páginas 10/16-18/23/32 são da Isabella Lanave (R.U.A. Foto Coletivo) e as ilustrações das páginas 5 e 27 fazem parte do zine *Nem Todo Mundo Gosta de Viver*, da Sabrina Gevaerd Montibeller (facebook.com/estudiopagu).

## Contato

@ jornalrelevo@gmail.com

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

# Editorial

É preciso contar a história das mulheres na literatura e na imprensa brasileiras, e isso requer pessoas interessadas. Requer caminhos e, sobretudo, espaço. Em ensaio recente da professora Regina Dalcastagné, da UnB, “Literatura brasileira contemporânea: um território contestado”, revelou que 72,7 por cento dos escritores brasileiros levam, de fato, o segundo ‘e’ da palavra, pois são homens. Por trás dessa cifra, historicamente duas forças competem pela última palavra: de um lado, as mulheres e, de outro, o peso de impositivos culturais que ainda nos ligam pelo cordão colonial ao sexismo, ao machismo e ao paternalismo. Afinal, há ou não espaço para mulheres artistas?

Em tese sim, mas uma ideia desgastante ainda insiste em dar à literatura feita por mulheres rótulos de suavidade e delicadeza, que são conceitos associados a uma noção social de gênero e, portanto, vis e imprecisos. Reside nessa normatividade um preconceito viscoso. É de que *literatura feminina*, especialmente da maneira como é adjetivada, é um conjunto forçado, simplificador da diversidade daquilo que mulheres têm a dizer em seus textos – como se um universo retilíneo.

Aliás, é preciso cortar na raiz, como se diz, e não nos esquecer de que as primeiras escritoras brasileiras a despontarem na “grande imprensa” foram feministas e viveram em luta. Nísia Floresta Brasileira Augusta nasceu antes da lei que inaugurou escolas para mulheres (1827), estreou com um livro chamado “Direitos das Mulheres e injustiça dos homens” (1832).

Hoje e aqui mesmo, no **RelevO**, em processo de seleção para uma antologia de nossos cinco anos de existência, percebemos numericamente como publicamos bem mais homens do que mulheres. É uma dívida, mas que como todas as outras, sabemos que um dia pagaremos. Porque somos um espaço que se esvazia e se preenche mensalmente e, como já dissemos em outra oportunidade: o cenário é confuso e não custa nada não correr para onde todos correm.

Há no coração daqueles que compõem este jornal, que de tão humano até enche o saco e desenha pirocas, mais do que sacos ou pirocas. Esta edição tem muitas vozes. E mais mulheres do que homens. Dia chegará em que não precisaremos escrever sobre isso porque teremos um impresso naturalmente igualitário. Ainda estamos ao longe, mas vamos tentando.

Uma boa leitura a todos.

## PRESTAÇÃO DE CONTAS DE MAIO DE 2015

### Anunciantes

**R\$ 30** – Banca da Aracy, Nova Mania (total R\$ 60).  
**R\$ 50** – Loteria Avenida; Avon; Fisk; Joaquim; Água na Boca; Torto Bar; Kaska’s Bar (total R\$ 350).  
**R\$ 100** – Editora Penalux, Toda Letra (total R\$ 200).

### Assinantes

**R\$ 50** – Afonso Caramano; Brunno Brugnolo; Julia Raiz; Paulo Roberto Vallim; Gabriel Protski; Stefano Calgaro; Jadson André; Lucas Souza; Denize Fs; Mayra Corrêa e Castro; Homero Gomes; Silvana Guimarães; Robson Vilalba; Anthony Portes; Walter Bach; Cilene Tanaka; Maximilian Rox; Guilherme Gontijo Flores; Yuri Campagnaro (total R\$ 950). **R\$ 100** – Josette Garcia.

### Despesas

Assinaturas **R\$ 200** / Distribuição **R\$ 80** /  
 Impressão **R\$ 1.390**

Receita **R\$ 1.660**  
 Custo total **R\$1.670**

Balanco **R\$ -10**

# Cartas do Leitor

BASTIÕES

Gostaria de registrar a minha admiração pelo trabalho desenvolvido por toda a equipe do **RelevO** que, com esta iniciativa, oferece visibilidade para novos escritores, bem como a possibilidade de acesso fácil à cultura literária, destoando dos grandes veículos de comunicação que hoje dominam o mercado.

**Guilherme Lima**

O MISTÉRIO DA BULA

Sou farmacêutico e realmente a bula do composto Nimesulida é confusa em todos os remédios. Quase mandei um e-mail aos fabricantes pedindo uma redação melhor.

**Rafael Gayer**

Desconfio que a bula do Nimesulida foi escrita por um pedagogo.

**César Jr.**

*Da redação: Calma lá, gente...*

70 VEZES

Olá, Jornal. Tudo sob mero controle? Espero que sim. Gostaria de saber sobre a publicação e a assinatura. Também gostaria de saber se as edições são periódicas ou aperiódicas, e as formas de pagamento.

**Ubirathan Brasil**

*Da redação: Ubirathan, com esta edição chegamos ao número 70, ininterruptamente. Para submeter seus trabalhos, [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com). Para assinar nosso periódico, 50 reais/ano. De brinde, uma continha de banco que a gente sempre passa. É até que simples.*

SUA BANDA, NOSSA BANDA

Diga uma coisa: Faz tempo que estou pra perguntar: Quem escreveu “O que sua banda favorita diz de você”? Muito bom, certo!

**Paulino Júnior**

*Da redação: Vida e obra de Mateus Ribeyre, nosso revisor e editor da Enclave.*

Olá, Jornal. Como vai o Sr.?

**Amanda Pimenta**

*Nota do jornal: Bem, mas um pouco cansado hoje.*

# Errata

Incrivelmente, a poesia que publicamos de José Alberto Amarante, na edição passada, não era dele. Também não sabemos de quem é. Talvez de ninguém. Na próxima edição publicaremos o poema certo. Minha nossa.

## Ombudsman

# Carla Dias

### *Mais prazer, por favor*

Compartilhar discos, filmes e livros com os amigos, não somente por meio de indicação ou empréstimo, mas também os presenteando com esses itens, faz parte da minha realidade desde que comecei a trabalhar.

Sim, faz tempo.

Independente do meio ou da linguagem, compartilhar gosto pode ser ação catedrática. Durante o processo, aprendemos que o que nos agrada pode ou não agradar ao outro. Ainda assim, é um processo que nos oferece a chance de conhecermos algo novo, como doador ou receptor do conhecimento.

A cada edição do **RelevO**, conheço alguém novo capaz de me fascinar, o que sempre é um prazer. Dessa forma, tenho dialogado com universos díspares e interessantes. É pessoal a tarefa de passar adiante aquilo que verdadeiramente nos toca e julgamos merecedor de um amigo conhecer. Em uma época em que falar mal é praticamente rotina, passar um gosto adiante pode trazer frescor ao espírito de muitos.

A ilustração de capa de maio estava uma lindeza. Obrigada ao Daniel Imaeda por isso, quem deu cara à coleção de excelente material. Durante a jornada da edição passada, Adriana Sydor me inspirou a me apaixonar pela sua casa que ainda será, mas que também já é. Em “Sonhos de arquitetar”, Sydor nos mostra sua casa interior em busca do espaço externo, espalhando-se por código postal equivalente aos devaneios da autora. “O que não for janela, bem pode ser vidro, o que não for porta, transparência.” Belo texto para a sala de estar de qualquer espírito inclinado ao aconchego.

De personagens da Warner, passando pela frequente incoerência do animal-humano, Bolívar

Escobar fala sobre uma curiosidade coletiva: quem come quem? Por quê? Como chegamos a isso? “Um abraço é um ato solipsista não importa em quais deuses você não acredite” se debruça na cadeia alimentar, questionamentos e nas declarações de cientistas, assim como no devaneio sobre a função deles, claro. “Os cientistas só devem estudar aquilo que faz parte do universo. O que não faz deve ser estudado pelos artistas e pelos malucos.”

Sou apreciadora dos oráculos. Posso até me relacionar com os tais ligeiramente com o pé no imaginário, mas tenho sincero respeito por eles. Em “Dizem que os orientais”, Julia Raiz fala sobre a forma como os orientais embrulhavam os livros sagrados – dos oráculos aos obscuros – em tecidos ricos. Então, ela menciona como uma tribo africana lida com seus mortos. Dos oráculos aos rituais, passando por uma reflexão profunda inspirada por um corte na mão, ela chega ao que lhe inquieta: a morte de um ente querido. Um texto delicado, com quê de desamparo. “Bom, dizem que os orientais embrulham tais livros em tecido rico como a seda ou o veludo ou com outros tecidos ricos dos quais não conheço o nome.”

Quem nunca tentou explicar a saudade, prepare-se, porque isso um dia vai acontecer. Alguns dos que já tentaram, acabaram por criar primorosos poemas, como o “para falantes doutras línguas”, de Ricardo Escudeiro: “atadura que não estanca nada/ essa foto na palma/ há espaços ainda/ em tempo de serem jamais/ uma derradeira vez habitados”.

Ainda sobre desnudar-se em poesia, “Ode à mulher que não goza”, de Sissa Stecanella, expõe verdades sobre mulheres que se submetem ao falseado prazer como se estivessem a se esbaldar no verdadeiro: “Ode à mulher que não goza/ Que

toda orgulhosa se diz importante/ Deita-se na cama, faz cara de freira, se finge de morta/ Abre as pernas, gemidos alheios,/ Dá-se por contente, com seu amante precoce”. Minhas caras – e meus caros –, como dizem por aí, a vida é muito, mas muito curta para gastarmos a dita no faz de conta. Sendo assim, por favor, gozem na maior veracidade. Caso não dê certo, não perca a vida, mude de parceiro.

Não tenho qualquer talento para colorir. Pense em alguém incapaz de combinar cores decentemente, ou em uma indecência com certo grau de coerência. Eu mesma. E se era o fim do mundo quando criança, a versão adulta só piorou a falta de talento. Então, para que insistir? Ainda assim, fiquei tentada a encarar o “RelevO de Colorir para Adultos”. Definitivamente, colorir não é comigo. Alguém coloriu e se sentiu mais feliz?

Maio trouxe uma edição muito interessante do periódico, daquelas que inspiram mergulhos mais profundos e há humor envolvido. Pacha Urbano trouxe aos nossos leitores as tirinhas de “As Fantásticas Traumáticas Aventuras do Filho do Freud”, revigorando aquela máxima de que o humor tem o poder de explicitar seriedade com a maior graça e entendimento. Quem não conhece essa vertente do trabalho do Pacha Urbano, sugiro uma pesquisa. É material bom e que vale o tempo do leitor.

Não há como comentar tudo o que apreciei na edição passada. Sendo assim, finalizo com as palavras de Gigi Godoi em “velha queda”, que tocou em assunto que me pega sempre de jeito, a paixão por determinadas palavras, que às vezes me leva a ter de evitá-las para que os textos não soem como reprise: “tenho velha queda por certas palavras/ elas preenchem o buraco da minha expectativa...” ●

# Ryane Leão

ela era parecida  
com aqueles fogos de artifício  
não dava pra se aproximar demais  
não dava pra não querer se aproximar demais  
ela era parecida  
com aqueles explosivos  
tudo nela queimava  
e brilhava  
antes de apagar  
e virar poeira  
ela era parecida  
com aqueles fogos  
o pavio em silêncio  
até alguém chegar  
e acender  
e ser tarde demais  
pra não invadir o céu  
os olhos, os ouvidos, o peito  
ela era parecida com  
aqueles fogos  
era capaz de provocar  
uns danos  
se não tomassem algum tipo  
de cuidado  
se não soubessem  
que ela era  
muito parecida com  
todos aqueles fogos de artifício  
prontos pra entrar  
em combustão.



# Da Crítica [1]

Camila von Holdefer

Esta série partiu de uma interrogação pessoal que saiu do controle e ganhou contornos mais amplos. Os problemas levantados não são inéditos e nem recentes. A discussão, todavia, é válida. Qual o papel da crítica literária no Brasil? A quem ela se destina? Ela está em transição? Há menos diversidade? Para os que torcem por um ambiente favorável à discussão, nem o ceticismo (injustificado) e nem o otimismo (ingênuo) parecem dar conta da complexidade do quadro. Para encontrar as respostas, conversei com críticos, jornalistas, editores e leitores.

O cenário, bem conhecido, pode ser sintetizado em poucas palavras. Críticos e leitores parecem habitar universos distintos. Favoráveis ou desfavoráveis, as opiniões arroladas em resenhas dificilmente influenciam as listas dos livros mais vendidos. Seguindo uma tendência conhecida, títulos ignorados pela crítica não raro têm êxito comercial. Os elogiados, em comparação, atingem um grupo restrito de leitores. Nas últimas semanas, confirmando o sucesso da adaptação de “Cinquenta tons de cinza” para o cinema, os três livros da série de E. L. James, desprezados pela crítica, voltaram a ocupar posições de destaque nas principais listas. Vários fatores, todos explorados à exaustão, explicam a dissonância.

Admitimos que o interesse pela crítica literária é consequência do interesse pela literatura — não o interesse superficial ou eventual, mas o que reconhece a análise e o juízo de valor. Só está atento à seção de crítica em jornais e revistas (supondo que a seção esteja lá) aquele que estabeleceu uma relação significativa com os livros.

Será? Faz sentido propor um caminho inverso em que a crítica auxiliaria na formação de leitores? É possível usar a manobra conhecida da publicidade e, ajustando o discurso, criar a demanda (pelos livros) a partir da oferta (de crítica)? Talvez. A experiência de inverter causa e efeito traz alguns entraves óbvios, senão pela dificuldade de operar uma mudança profunda através de uma lógica de mercado, então pela prudência dos próprios veículos, que, com razão, baseiam seu conteúdo no que o público deseja ler. Só em alguns poucos jornais ou revistas as análises de livros compõem a pauta regular. Quem quiser acompanhar a crítica de perto e de forma

abrangente (aquele sujeito com o hábito da leitura bem desenvolvido?) precisa recorrer a uma publicação especializada.

Na mídia tradicional, além do espaço que parece encolher, o texto divulgado pela assessoria de imprensa da editora pode substituir a visão de um crítico. Raramente há lugar para um ensaio aprofundado em publicações que não sejam acadêmicas. Estas últimas, com sua linguagem e abordagem (em geral) pouco acessíveis, não seduzem o leitor comum.

Com ou sem a existência de um mercado (em expansão?) alheio à crítica, o Brasil não desponta como um país de leitores. Divulgada em 2012, a última pesquisa do Instituto Pró-Livro indica que o brasileiro lê em média quatro obras por ano. É pouco — e parece um número otimista, desconectado de uma realidade que teima em se mostrar mais hostil aos livros. Num ensaio em que procura discutir o lugar da literatura no mundo moderno, o escritor peruano Mario Vargas Llosa denuncia a “concepção bastante difundida” que relaciona a leitura de ficção a “uma atividade de que se pode prescindir”. O ato de ler, segundo Llosa, “pode ser sacrificado sem escrúpulo no momento de estabelecer uma escala de prioridades nos afazeres da vida”.<sup>1</sup> Da classe social à escolaridade, muita coisa pode interferir, para o bem ou para o mal, na formação de um leitor. No entanto, sem oferecer um bom trabalho de base nas escolas, deixamos passar a oportunidade de melhorar as estatísticas.

Na esteira de outros dados importantes, a pesquisa do IPL mostra que 65% dos brasileiros são atraídos para uma obra graças à temática apresentada na sinopse. Outros 29% baseiam suas escolhas na recomendação de pessoas próximas. Recomendação, por diversos motivos, é algo encontrado sobretudo na internet — onde é preciso diferenciar crítica, resenha, recomendação e divulgação, numa separação necessária para entender as combinações possíveis.

Blogs e sites parecem, de fato, uma boa alternativa à pouca importância atribuída à literatura na mídia tradicional. Mas, se qualquer um pode acessar o conteúdo, qualquer um pode criá-lo. É válido comemorar os benefícios de se democratizar a produção e o acesso à informação, mas não se pode esquecer o problema da →

relevância, que, de quebra, esbarra no problema da filtragem.

Se o leitor precisa fazer escolhas — dos livros que compra e do lugar de onde extrai informações sobre eles —, o mesmo se pode dizer do crítico. “Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada além disso”, escreveu Harold Bloom.<sup>2</sup> Como fazer boas escolhas num tempo em que os lançamentos abarrotam as livrarias? Como partir de uma filtragem competente? É impossível dar conta de tudo. E, se a variedade é estimulante, também é desesperadora. Não só ela — o próprio processo de análise pode ser aflitivo.

Uma cena de “Stoner”, romance de John Williams publicado há poucos meses no Brasil,<sup>3</sup> dá uma boa mostra da aflição que pode atravessar a escrita de um texto crítico. Um doutorando está apresentando um seminário; é evidente que seu discurso é pronunciado de improviso. “Ao sermos confrontados pelo mistério da literatura, e por seu inenarrável poder, nos vemos obrigados a descobrir a fonte do poder e mistério. [...] O trabalho da literatura joga na nossa frente um véu profundo que não podemos sondar. E não somos mais que devotos perante ela, impotentes ante sua força”, diz ele. Mesmo o professor que solicitou o seminário — que tem todos os motivos para desconfiar da honestidade do aluno — fica balançado com as palavras. Ao fugir da tarefa, o estudante tocou, sem saber, em alguns pontos importantes. A dúvida é genuína, afinal, e surge para qualquer pessoa que se disponha a analisar publicamente aquilo que lê — especialmente quando a decisão é uma insistência em um cenário que, no geral, não parece promissor. É possível investigar a literatura? A investigação tem alguma serventia?

Para o crítico que tenta encontrar uma desculpa para desistir, a resposta é desalentadora: tem. Mas, se a perspectiva de utilidade parece promissora, também esbarra em um problema sério: a necessidade de rejeitar a imagem do leitor como figura passiva que aguarda orientação; a necessidade de rejeitar a imagem do leitor como alguém cuja formação intelectual depende de uma direção estabelecida por julgamentos que mais parecem ultimatoss. Como encontrar a medida? Esta parece uma das maiores dificuldades quando se leva em conta o atual cenário. Acertar o tom é o equivalente a encontrar a mais importante chave para a crítica.

Nada disso elimina o fato de que crítica é atividade vertical (o que não guarda relação direta com a linha seguida; pouco importa se o crítico acredita que valor do livro é imanente ou se parte da análise de um contexto social). O

importante é estabelecer o distanciamento — mas distanciamento em relação ao livro não é o mesmo que distanciamento em relação ao leitor. A adoção em massa do termo “preconceito literário”, ilógico do ponto de vista de quem emite um juízo de valor, dá uma boa noção do quanto a crítica pode ser interpretada de formas distintas, nem sempre válidas. A crítica, é evidente, não desqualifica leitores. Seu foco é a obra. Se a distinção não estiver clara, temos um obstáculo sério à atividade de análise.

Se, por um lado, o crítico é visto com desconfiança, por outro ele mesmo se encastela — o que o impede de dialogar com um público maior. Daí deriva, em parte, a concepção do crítico como o sujeito frustrado e invejoso. Como sonha em produzir o grande romance do século, função para a qual não está qualificado, é incapaz de encontrar prazer na atividade de análise — a menos que possa desaprovar o livro alheio.

Apesar das percepções absurdas, a importância da crítica é inquestionável. “O romance não começa a existir quando nasce, por obra de um indivíduo; só existe realmente quando é adotado pelos outros e passa a fazer parte da vida social, quando se torna, graças à leitura, experiência partilhada”, escreve Vargas Llosa. Uma boa análise de um livro tem valor em si mesma. “Dentro da mais pura e da mais estrita atividade crítica existe uma função criadora”, escreveu o crítico pernambucano Álvaro Lins.<sup>4</sup> Para Lins, um bom texto pode “levantar, ao lado ou além das obras dos outros, ideias novas, direções insuspeitadas, esquematizações, quadros de valores”. Leyla Perrone-Moisés, em uma passagem de “Com Roland Barthes”,<sup>5</sup> oferece uma visão parecida. Segundo Leyla, crítica é “prolongamento inventivo”, uma vez que “o sentido [de um livro] não é único e claro”. E como poderia ser? É preciso, escreve ela, rejeitar a noção de um “sentido definitivo e único, como se a arte fosse resposta e não procura, dogma e não proposta, conclusão limitadora ao invés de interrogação fecunda”. É fundamental garantir que a procura, a proposta e a interrogação sigam seu curso.

De que maneira assegurar a sobrevivência da crítica em um cenário tão ambíguo? Como diferenciar a crítica literária da mera recomendação sem, no entanto, perder de vista as nuances que a fuga de um formato engessado pode proporcionar? A quem interessa a reprodução em série dos textos de assessorias de imprensa? De que forma encarar o plágio, prática cada vez mais comum na internet? Com tantos lançamentos, como a crítica pode fazer suas escolhas? Ela tem liberdade para escolher? Como atingir um público heterogêneo? A crítica pode contribuir para a formação de leitores? ●

<sup>1</sup> “A cultura do romance”. Editora Cosac Naify, tradução de Denise Bottmann.

<sup>2</sup> “O Cânone Ocidental”. Editora Objetiva, tradução de Marcos Santarrita.

<sup>3</sup> Editora Rádio Londres, tradução de Marcos Maffei.

<sup>4</sup> Todas as citações de Álvaro Lins foram retiradas do livro “Sobre crítica e críticos”, coletânea organizada por Eduardo Cesar Maia e publicada pela Companhia Editora de Pernambuco.

<sup>5</sup> Editora Martins Fontes.

F/C



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

F/C



PRAÇA VICENTE MACHADO, S/N°, ARAUCÁRIA (41) 3642-2337

A



REVISTARIA NOVA MANIA

F/C



RUA AMINTAS DE BARROS, 270

F/C



F/C



ESTACÃO  
BRASIL

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANÁ | AM 630  
DOMINGO | 13H



F/C

# ESCOLA DE ESCRITA

- Aperfeiçoamento textual
- Aperfeiçoamento linguístico
- Redação criativa
- Oficina de criação poética
- Oficina de crônicas
- Edição e revisão de texto

41 3114 7100

ESCOLADEESCRITA.COM.BR

41 9511 2654

CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR

F/C

## LIVROS | VINIS

# JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

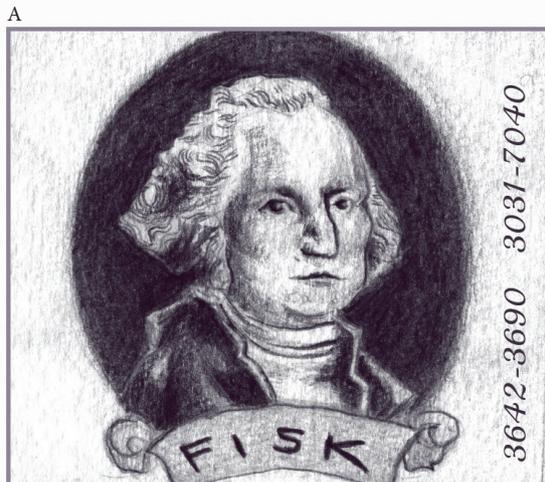
INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR

JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM

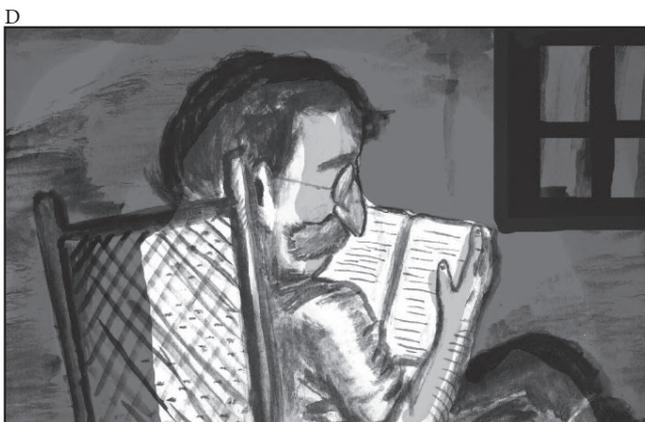
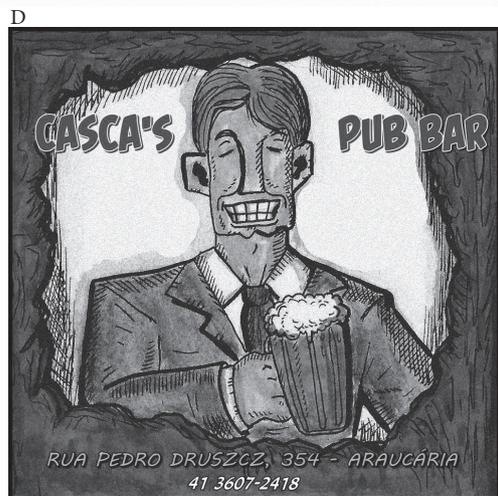
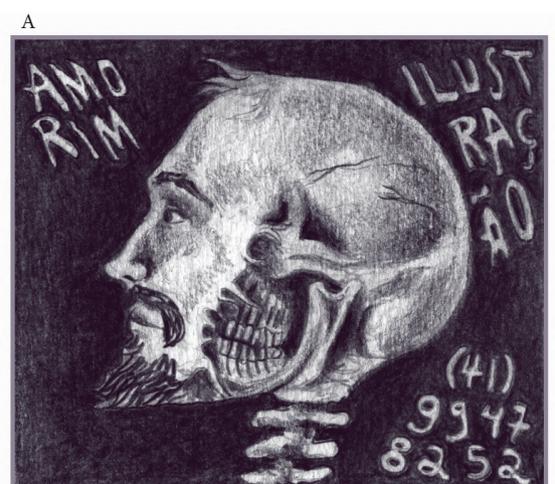
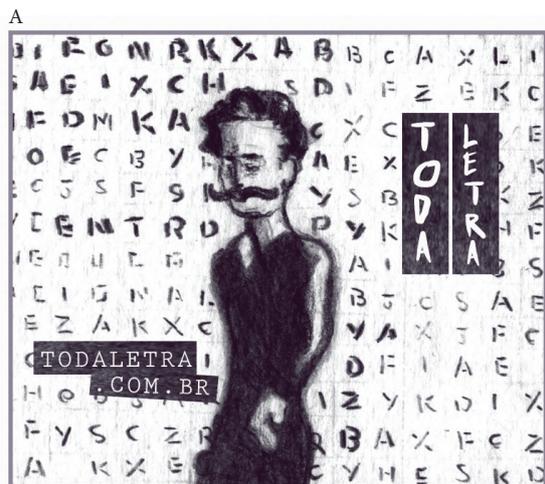
FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA



AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Neste mês a editora completa 3 anos de atividades. Contamos com mais de 220 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais: [originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

Isabella Lanave



*Victoria Lobbo*

# Lilith

mãos, pra que as quero?  
pra te acariciar o lombo  
macio de couro  
quando te descubro  
numa estante empoeirada.

pra te puxar  
pra longe dos outros,  
mirrados, sem encanto  
e admirar tua capa  
tuas cores.

pra te levar ao olfato  
aspirar o cheiro  
de carne de mulher  
nova ou velha  
virgem ou manuseada  
do papel do teu cerne.

pra poder me aproximar  
e beijar a orelha  
das tuas páginas.

pra meter os dedos  
numa fresta  
e sentir deslizar  
apertados entre  
duas folhas.

pra abri-la  
escancarada, sem pudor,  
preguiçosa e entregue  
sobre minha mesa  
numa noite insidiosa,  
incendiada.

e depois dormir com o  
rosto aninhado nas curvas  
de suas letras e vírgulas.

pra te devorar  
escondido  
quando estamos sós  
(e às vezes não tanto  
no ônibus e embaixo  
da mesa de jantar).

pra te levar pra lá e pra cá  
pra cima e baixo  
dentro e fora  
de mãos dadas  
ou guardada.

pra te sujar.  
pra te amar.  
pra te odiar.  
pra te amassar.  
pra te derrubar.  
pra te perder  
e procurar até achar.  
pra te bater  
arranhar  
rabiscar  
molhar  
manchar  
rasgar  
remendar

pra te esgotar  
e te botar de volta  
na estante  
com minha fileira de  
amantes de papel.

# inevitável cansaço

Ellen Maria Vasconcellos

Tem algo de suicida em ser pássaro  
eu não gosto de comer sozinha  
cantar menos  
e projeto voar  
mas só vou até a esquina  
tem um pouco de melancolia  
em ser pássaro  
que dorme de pé  
nunca abraçado  
ainda que odeie essa palavra  
tem um pouco de ereção em ser pássaro  
sempre parado  
– nunca vi o pinto de um pássaro  
Ele não esconde  
suas plumas negras  
de gozo  
de morte  
não gosto de conversar depois  
e tem uma possibilidade  
de ser eletrocutado  
não cheiro nada  
além de minhas penas  
queimadas  
expulso toda a merda  
de uma vez  
não me sobra nada  
vivo faminta  
– tudo é comida de pássaro  
qualquer coisa alimenta  
meus olhos  
pequenos  
de horizonte  
até meus ossos são ocos  
tem algo de humano  
de asas rotas  
em ser pássaro  
tem algo solto  
que não entendo  
maldito medo da liberdade  
tem algo de perigoso em ser pássaro  
homens covardes,  
é verão.

*"Há sempre mais promessas  
do que pássaros no ar"*

**Juliana Frank**

## Assionara Souza

### LUA EM CAPRICÓRNIO

O *Sebo confraria* ficará aberto só por mais dois dias. Cristóvão não sabe, mas daqui dois anos ele vai sofrer um ataque fulminante numa manhã de quarta-feira de um abril cruelíssimo. Cristóvão tem a lua em capricórnio e, a Beth sempre diz, é por isso que ele é assim, melancólico. Toda vez que Beth repete esse dado do mapa astral de Cristóvão, ele caminha bem devagar até uma estante de poesia portuguesa, puxa com o indicador um volume do heterônimo Ricardo Reis e começa a ler com seu sotaque caipira absurdamente sedutor: “*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio./ Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos/ Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas (...)*”

### A LITERATURA EXISTE

A moça ruiva parada em frente ao *Sebo confraria* surpreende-se com o vento a erguer-lhe a saia. Lá de dentro, Cristóvão viu; olho treinado de cineasta amador. Quero mesmo era ver a frasezinha dentro do coração vermelho da calcinha. A moça entra, assustadiça. Cristóvão finge que decifra a última crítica literária do momento e vira-se para ela distraído: “Procura alguma coisa em especial, moça?” A boca pequena e macia prende uma ponta de lenço, enquanto de um lado pra outro acima da cabeça surge o penteado improvisado e inédito. “Você tem algum da Ana Cristina César?” Diante da cena, Cristóvão legenda um pensamento-cartaz: “A literatura existe para que a putaria não nos destrua.”

## VINGANÇAS DO LEITOR

Antes de abrir o *Sebo confraria*, Cristóvão gastava quase todo o salário de professor comprando livros dos mais diversos gêneros. Até os lançamentos de autores estreados, ele fazia questão de acompanhar, prestigiar, ter lá o autógrafo na edição fadada ao obscuramento. Nessa fúria cega de adquirir volumes e mais volumes, seu apartamento era uma espécie de lugar dos livros aos quais ele pedia licença para habitar no espaço que sobrasse. Um colchão de casal no chão, um centro comprado em antiquário, dois sofás antigos – mas de bom uso. E as demais fornitureiras convenientes a receber um amigo ou outro para fumar uns cigarros, bebericar umas bebidas e ler umas leituras. Acontece que, quando a grana apertava, Cristóvão ia pelas estantes recolhendo aquelas edições que lhe custaram uma nota e corria aos sebos, oferecer seus tesouros por uma ninharia. Saía deles com o coração partido e uns trocados nos bolsos. Foi quando ele aprendeu: não basta ser dono de sebo; é preciso ter coração frio.

## FICÇÕES BIOGRÁFICAS

No *Sebo confraria* também vende vinhos e *souvenirs*. Tem por lá uma chave que Cristóvão garante ter pertencido à escrivania do poeta Olavo Bilac. Tem também um lenço encardido com uma mancha carmim envolto em *ziploc* que ele sustenta de pés juntos ter sido do espólio do finado Augusto dos Anjos. A coleção particular, tirando algumas peças originais das quais não se pode negar a autoria, camuflam exemplares que participam do museu sentimental do proprietário do *Sebo confraria* – a estes ele aproveita para acrescentar algumas notas ficcionais: o lenço de Augusto, por exemplo, foi o que Cristóvão usou para estancar o sangue do mindinho de Sophia, quando ela, nuinha, prendeu aos dentes e puxou com toda força uma cutícula que já fazia dias a incomodava.

\*a proeminência  
laríngea das araucárias

Andréia Carvalho Gavita

enquanto contabilizam as estacas  
que articulo ao redor  
de minha fortaleza  
muscular  
rezam a lenda  
matemática ofuscante:  
– é assim que a conta faz  
– é com pingo cínico o sóbrio "i"  
– é com cinta liga a curva cobreada  
dos termostatos

mas eu não sondo nada  
que se cumpra gado marcado  
no rebanho angustifoliado  
"poematic"

ereta, a maçã fronteira não soma  
o algarismo algoz  
da fruta física  
anti-bíblica

com ares de "falo satírico"  
oscilando lastro entre  
o microscópio e a luneta  
meu cercado de Ló  
multiplica os peixes de único  
pão-de-leite  
quente

minha casa favelada  
em quantum  
é um verso atômico livre  
imparcelado favo  
priapo espasmo  
no contido pomo  
de adão

\*the laryngeal prominence  
of the araucaria trees

Trad. Samantha Beduschi Santana

while cuttings are counted  
those which I articulate around  
my muscular fortress  
the legend has it that  
blinding mathematics says:  
– this is the way the account does  
– it is with a cynical dot the sober "i"  
– it is with a garter the coppered curve of thermostats

but I sound out nothing  
let the marked cattle be  
in the angus-foliated herd  
"poematic"

erect, the apple-fronteer does not add  
the torturing cipher  
of the anti-biblical physical fruit

with airs of "satyricon phallus"  
swinging ballast between  
the microscope and the telescope  
my Lot enclosure  
multiplies the fish of unique  
hot milk bread

my slummed house  
in quantum  
is an atomic free verse  
unparceled honeycomb  
priapus spasm  
in the contained  
adam's apple

# *do céu, versão menor*

Cristina Judar

Chã. Pisoteada. Eram tantos pés sobre sua cabeça tronco e membros que não sabia mais onde terminava ou descambava. Seu corpo, doce lar de escarros, pontas de cigarro, merda emplastada, mijo em litros. Mas era a única a ter do céu visão total e indivisível. O céu nunca se repetia. Doce lar de tocos de estrelas, asas e coisas passageiras, eram constantes sobre ele as nuvens; sobre ela, as solas. Intercaladas em um movimento contínuo de revelar/esconder as partes íntimas do firmamento. Dele, Chã era a versão menor, a pobre da família, espelho de água suja refletida em cristal austríaco. Ao vê-lo de maneira privilegiada, contentava-se em ter tantos pés sobre suas carnes. Disso, até se esquecia, com um sentimento de superioridade doído, causado por esse paralelismo espacial do qual era ao mesmo tempo vítima e imperatriz.

Uma crise a abatia, devido à dureza de viver tamanha contradição. Escorrida, plana, asfáltica. Naquele dia, 11 de novembro, o sol arrastado do céu se exibiu mais do que de costume. Gerava incômodos a ponto de criar rebeliões entre as nuvens, que rapidamente se juntaram em um motim. Chã estava habituada a assistir às revoluções tão comuns nesse terreno aéreo de egos e disputas por visibilidade e espaço. O contraponto para o estrelismo do astro rei foi condensado em ajuntamentos nebulosos munidos de tambores soturnos, trombetas ensurdecedoras, maquinas de gerar raios mortíferos. A noite avançou sobre o dia em um excesso de massas acaloradas. Correria, estrondos, gritos guturais, debandadas de pássaros ocultaram o sol. As estruturas do céu foram abaladas, fissuras foram criadas, houve rebuliço, movimentação, águas desabaram, ventos arremeteram.

Pra ela sempre sobrava. Lascas de céu tombariam cairiam sobre sua cabeça, tronco e membros. Chã estava preparada para receber a parte que lhe cabia, essa era a única maneira de ambos passarem do contato exclusivamente visual para o físico. Céu desabou sobre Chã. Ao gozar, ambos estremeeceram. ●

# Júnia Azevedo

Badaladas ecoam nas paredes frias da pequena cidade de ladeiras. Velhas gordas com as cabeças cobertas por véus de renda preta se debruçam nas janelas. Homens e mulheres num mutismo absoluto arrastam seus sapatos nas calçadas, circundando a praça. Aos poucos, a banda triste se aproxima. Um rapaz quase nu, lanhado, pregado numa cruz é carregado no meio da rua por homens de capas roxas. As velhas, de lenço preto, estão por toda a parte, nas janelas, nas ruas, misturadas à multidão. Tenho medo. O que estão fazendo? Minha mãe me enche de respostas que não consigo entender, mas aceito-as. Por que não tiram o homem jovem dali? O som metálico da matraca estala nos ouvidos e ecoa no silêncio. Sussurros. Cheiro acre de gente e velas. Quero ir embora. Tenho medo da mulher loura, bonita, de manto roxo e a espada cravada no peito.

Devo ter olhado muitas vezes para aquela imagem antes que aquilo tudo fizesse algum sentido e eu pudesse formular pela primeira vez a pergunta.

– Mãe, o que é isso? Quem é essa mulher? Por que tem uma espada fincada no peito?

– É a nossa mãe do céu e a espada simboliza a dor que ela sente pela morte do filho que foi crucificado.

Ela contava sempre a mesma história, que me fascinava, num misto de piedade e medo. Mas o que me fazia repetir a mesma pergunta mil vezes, hoje sei, era entender por que as pessoas não tiravam a espada da mulher. Por que aquela adoração pelo sofrimento alheio? Foi assim que aprendi a temer a Deus. Minha noção de religião foi construída sobre as bases da igreja católica apostólica romana mineira.

Hoje entendo quem teve a ideia de simbolizar assim a dor. É, definitivamente, como sinto meu peito hoje – cravado por uma espada afiada que ninguém tira.

Por que não consigo arrancá-la? Exibem a santa com a espada para ensinar a sermos condescendentes com a dor. A santa e eu hoje somos a mesma pessoa.

As espadas estão atravessadas no meu tórax e não sei como tirá-las. Não me ensinaram isso. A dor é para ser contemplada com resignação e respeito, aprendi.

Estou no centro do meu quarto, vestida com a mortalha roxa, com as lágrimas petrificadas no rosto e as espadas atravessadas. Doo inteira e não tenho força para mais nada, a não ser recolher-me ao meu imobilismo. Transformei-me na mulher horripilante de cera, com as espadas no peito e estou com medo de mim. Há uma procissão de velhas no quarto agora. Ouço seus passos arrastados, ouço as ladainhas, mas não enxergo ninguém. Não há rostos. Novamente não há rostos, mas sinto a presença das carpideiras chorando. (Expiando os meus ou os seus próprios pecados?) As beatas andam em círculo em volta de mim, da mulher-dor, da Senhora das Dores. Por que essas loucas não arrancam minhas espadas e tratam das minhas feridas? Que prazer há nelas em adorar meu sofrimento? Hoje entendo a imagem assustadora da santa com a adaga de prata cravada no peito e sua expressão resignada. Ela estava ali, sim, era para nos rogar uma praga: “Espere que um dia você também terá as suas espadas.”

Me lembrei da menina passeando com a mãe no Jardim Botânico. Ao avistar de longe a noiva tirando fotos, saiu correndo fascinada, gritando: “Mamãe, a Cinderela! Mamãe, a Cinderela!”. Mas a noiva, tão ocupada com a sua própria fantasia, não teve nem um olhar para a menina. A criança ainda não sabe, mas a mulher atravessada pelas espadas é o futuro da Cinderela. Mas isso ninguém conta. ●



Isabella Lanave



Isabella Lanave



Isabella Lanave

Patricia Laura  
Figueiredo

# verniz

descascou a palavra  
de todo encantamento

raspou com a faca  
todo seu verniz

arredondou com os dedos  
o farelo que sobrou

esquentou com a boca  
pousou sobre os lábios

engoliu



# Cena avulsa de alguma de nós III: A culpa não é de Dostoievski

**Natasha Centenaro**

Ela abre o porta-malas. Joga uma mochila. Volta alguns passos para trás. Quatro ou cinco. Abre a porta do lado esquerdo. Acomoda o travesseiro.

– Você não pode sair assim.

Bate a porta.

– Você não pode sair assim. Desse jeito.

Ela confere se o porta-malas está fechado.

– Você não pode me abandonar – a mulher olha para ela, esperando a compaixão que apenas os donos de cachorro podem oferecer – e me deixar aqui, sozinha.

Ela responde, sem encarar os olhos da outra:

– Você não está sozinha.

Ela entra no carro.

A mulher se aproxima. Coloca os braços em cima do vidro, impedindo-o de subir, e com as mãos tenta tocá-la. Seu rosto.

Mas ela continua com a mirada fixa no horizonte à sua frente. Nada está ao seu lado. Nada. Não a vê.

– Você não pode me abandonar, eu disse. Me escuta!

– Por quê?

– Porque eu leio Dostoievski. ●

# SAVANA DE ESCONDERIJOS LETÍCIA PALMEIRA

Telefonava-me todos os dias. Hoje admito que não vislumbro razão. Contudo, na época de seus telefonemas, contentava-me em demasia aquela voz risonha de canto triste que me dizia coisas. Ligava-me em seus intervalos de cafezinhos e cigarros. E como mentia... Eu sabia quando ele estava mentindo. Pois, muito embora entre nós não houvesse combinação, nossas invenções eram recíprocas. Ele mentia ou inventava que seu trabalho, de preencher papéis e aturar patrão no percalço, era, entre muitos labores, o mais aliviado. E eu ouvia. Com o tempo, aprendi a decifrar sons. Isqueiro que acendia, dedos que deslizavam pela barba e até choro contido. Ele lutava tanto para esconder o que, até esta data, não faço ideia. Contava-me de sua mãe e de uma irmã com quem morava. Falava das duas de maneira tão intensa que, em minhas invenções, passei a conhecê-las. E dizia dos filhos coisas tão belas. De tais palavras, eu avistava verdade. Mas, de todo o resto, eu sabia que era rugido

de bicho preso em savana de esconderijos. Ele ria tentador. E eu, sonsa, também ria. Dizíamos que sentíamos amor um pelo outro. Um amor puro, sem cobranças ou retaliações. No entanto, brigávamos por ciúme. Vez ou outra. Eu gostava quando ele me telefonava para narrar a cidade. De forma muito peculiar ele o fazia. Falava de homens de terno, de mendigos, de mulheres que passavam. Contava o número de pessoas com as quais topava entre as esquinas. Gargalhava ao relatar algo que lhe havia acontecido: uma festa, um porre de bebida, uma verdade esquecida. Era bom ouvir. Aquecia-me a alma que, atordoada, nas solitárias horas da manhã, servia-se de qualquer palavra como companhia. Isto durou cerca de um ano. Chegou o tempo em que ele se deixou mudo, eu me tornei fugidia e o telefone nunca mais tocou. Porém, ainda me lembro das mentiras. E sorrio ao pensar que talvez este tenha sido um dos mais verdadeiros casos de amor que tive na vida. E eu o vivi, até onde podia. ●

Patricia Laura Figueiredo

# sem nenhum começo

não foi nem a falta do vento  
nem o ouro nem o incenso  
nas cortinas perfumadas  
nem a raiz de dentro  
pele negra que secava

não foi isso  
não poderia ter sido  
não foi a falta de luz  
nas poucas crianças

a dança a dança a dança  
a viagem sem volta  
o cansaço das senhoras  
a sede dos ratos  
o quarto vazio  
o frio

nem isso  
nem anjo  
nem abrigo

não foi nascimento  
a dor que não veio  
o vermelho

não foi isso  
nem a falta de banho  
de toalha quente  
de sorriso

era soluço  
cativeiro escolhido  
no escuro certo  
o mesmo e repetido  
lábios penetrados de joelhos  
lâmpada molhada  
olhar repleto de tudo  
desejo desejo desejo

a ordem no mundo  
sem nenhum começo

# Miudezas *Julliana Bauer*

Pelo menos uma vez por dia, ao longo da última semana, me flagrei tirando do bolso de meu único casaco as chaves do apartamento que alugo em Florença. Olho fixamente para cada uma delas – grandes, velhas e pesadas, porque abrem portas grandes, velhas e pesadas, e me certifico de que sim, ainda estão ali. Posso perder tudo, menos as chaves de casa. Não possuo ainda um número de uma operadora italiana para ligar para meu senhorio, não conheço bem as pessoas que dividem apartamento comigo e já criei um certo afeto pelo quarto minúsculo e infantil em que fui colocada.

Vivo com um rapaz de Israel que estuda Arquitetura e com uma italiana que trabalha como advogada. Tudo o que sei sobre eles vem de informações colhidas nos banheiros que dividimos. Ele tem cabelos secos, a julgar pelos shampoos com três tipos de óleos hidratantes que deixa no boxe (abacate, karité e oliva). Ela possui calcinhas bege em grandes quantidades, as quais deixa por dias secando penduradas no aquecedor.

Meu senhorio é um homem idoso e extremamente entusiasmado sobre tudo. No apartamento em que vivo, ele deixa sua biblioteca particular de livros de temas que variam entre arte e romances melosos. Desde que me viu enfiando o nariz pra tentar reconhecer algum título, ele separa livros pesadíssimos de arte com muitas gravuras e poucos textos para que eu leia. Acho que ele percebeu que meu nível de conhecimento da língua ainda não permite nada além disso.

—

Em meu primeiro dia na cidade, ainda arrastando malas e esperando por um sinal de vida de meu senhorio, testemunhei

uma idosa americana tentando dar um golpe em uma vendedora ambulante de *souvenirs*. Passou uma nota falsa de vinte euros e, minutos depois, ao ser denunciada, continuou a engolir, trêmula, uma porção de chips na sacada de um restaurante turístico, onde foi protegida por outros turistas americanos que alegavam que a vendedora é quem tinha dado o golpe. A situação toda foi resolvida com uma discreta troca de notas, e com a garçonete italiana consolando a cliente pela situação constrangedora com uma taça grátis de prosecco. Minutos mais tarde, a mesma garçonete declinou educadamente a mesma nota falsa que a americana novamente tentava repassar – desta vez, para pagar a conta do restaurante.

—

Por um tanto de preguiça e outro tanto de praticidade, elegi o café na esquina de casa como o melhor da cidade. Gosto de sentar-me em uma banqueta alta, pedir um café com leite e fingir que entendo algo no jornal esportivo amassado sobre o balcão. Durante a semana, tento ignorar os cornettos, as rosquinhas açucaradas, os enormes biscoitos decorados e os sanduíches de presunto dispostos na vitrine. Mas em uma quinta-feira particularmente gelada, esqueci de ver a previsão do tempo e saí de casa só com uma jaqueta jeans e um lenço amarelo amarrado no pescoço. Ao passar para pegar meu café, o dono do estabelecimento – um velhinho magrelo e calvo, me entregou dois biscoitos de chocolate em formato de coração quando viu que eu me preparava para ir embora. “Tá frio demais pra não comer biscotti”, explicou. E é assim que se cria uma dependente. No mesmo dia, passei mais duas vezes no café para buscar mais biscotti – que, quando não são dados pelo dono, custam quarenta centavos cada.

Isabella Lanave



# Daniela Delias

## Partes

toma a palavra exército  
põe devagar entre os dedos  
dobra em pequenas partes

há uma guerra, eu sei  
frotas falanges incêndios  
(a horda insiste, devastada)

não somos o inferno, meu bem  
só essa caixa de guardados

## Bando

estamos tão longe do bando  
chegamos tão perto do fogo  
e ainda é inverno, grande amor

meus olhos estão abertos  
– eles são luas, você diz  
eu digo: pássaros pequenos  
nômades, estrangeiros

um céu de onde se ir

## Retrós

o modo como partia  
as pedras contra o peito  
adesração ordenada  
em pequenos cilindros  
– uma delicadeza de retrós

partia, de todo modo  
peito cravado de pedras  
fios arrancados miudinhos  
cuidadamente descosidos

como o que de nós  
desapareceu entre os sargaços

# Fonética dos beijos

Julliane Brita

## \*\*\* Pela manhã

Hoje eu liberei meus dedos para fazerem o caminho proibido da saudade. Ele sempre começa com um som no ouvido, saído da memória do telefone tocando na tarde abafada. O telefone tocando infinitamente mais devagar que meu coração galopante. São duas letras o desatino da vida adulta. Só duas letras, num som que eu não sei imitar, mas que ressoa em ondas nos meus ouvidos ressentidos demais, surdos demais. Como é que eu ouvia o balbuciar das palavras mais baixas? Talvez leitura labial, talvez as palavras saíssem de mim antes de passar pelas suas cordas vocais.

Você sabia que “balbuciar” é sinônimo de “gaguejar”, mas que eu gosto mais do som do bê com o bê, da língua querendo roçar os dentes para pronunciar o céu? E que eu gosto de escrever palavras dentro dos beijos, numa fonética figurada na gramática da sua boca? Eu já imagino o olhar meio perdido – porque prefere se perder a demonstrar fraqueza (que me lembra de “franqueza”, que me lembra de você, mas só às vezes).

## \*\*\* Na sombra

Eu estava sóbria, aliás, até ouvir dois acordes. Funciona também quando passa uma pessoa com aquele mesmo cheiro que eu acho que não é perfume, deve ser desodorante, mas eu tive vergonha de perguntar o que era. É disso para a textura. Alguém já te falou sobre isso? A textura da boca, que eu apenas presumia, antes de descobrir de fato que era onde eu gostaria de morar, de preferência com o sal das ondas que iam e vinham no meu estômago. Que âmago sensível o meu, que só da lembrança, só do nada das conexões neurais se pega em fúria, em rubor, em vontade de não voltar mais da memória.

Você sabe que eu chorei. Eu choro às vezes, por todos os motivos mais banais que você pode presumir, mas nessa noite de saudade eu sorri. Eu sorrio às vezes lembrando e vou ficar tímida de ter escrito isso. Sabe que ninguém acredita quando eu digo que sou tímida? Você saberia dizer a eles, porque me viu enrubescer, avermelhar, corar. Ainda não decidi que palavra prefiro, mas acho que gostaríamos mais da última.

Eu volto à textura aos poucos, porque é a lembrança menos distante. E me vem muito texto, porque esses radicais me barbarizam o tempo todo. Eu preciso mesmo de um texto para desopilar, para desoprimir os ombros. Só agora notei que Drummond adiantou o diagnóstico que viria anos depois: todas essas palavras que deixei de escrever na sua boca me causaram uma enxaqueca cervicogênica.

## \*\*\* Depois da meia-noite

Hoje eu bebi e liberei meus dedos para fazerem o caminho sem volta da saudade.

## Caro leitor,

O **Jornal RelevO** possui uma newsletter quinzenal. Chama-se **Enclave** e é gratuita. Por meio dela, um email a cada quinze dias aterrissa, ou aterriza, em sua caixa de entrada. Nele, há informações variadas — todas no mínimo, *no mínimo* interessantes. Sua estrutura engloba um editorial, quatro ou cinco fatos escolhidos a dedo, uma lista e uma citação.

Nos fatos, os quais nomeamos **HIPERTEXTOS**, incluímos histórias sobre obras de arte nem sempre lembradas – como um cristo redentor submerso na Itália; informações sobre artistas relevantes de fato – feito a educação de Giotto; rodeios intermediáticos – tal qual a fotografia que virou poema, que passou por Billie Holiday, Nina Simone e Kanye West; além de fofocas irrelevantes, porém curiosas — você sabia que o Orson Welles *detestava* o Woody Allen?

Entre outros **HIPERTEXTOS**, lembramos monumentos peculiares, como o Buzludzha, na Bulgária, e o Monumento aos Conquistadores do Cosmos, na Rússia. Resgatamos relatos falsos, vide a fictícia ilha de Hy-Brasil. Comentamos contextos históricos pitorescos, representados na Arquitetura Fascista ou na Grande Exposição de Arte Alemã. Também mencionamos invenções diletantes, experimentos científicos estranhos, Marlon Brando, Legos e jogadores de futebol.

Todos os hipertextos estão, afinal, repletos de hiperlinks, visando a favorecer uma potencial pesquisa, ou a mera procrastinação de algo mais importante, por parte de seres tão curiosos quanto nós.

As **LISTAS** vão de eventos concretos a compilados inventivos. “Pessoas que surpreendentemente chegaram a viver em um mesmo período” e “Peculiaridades de Arnold Schwarzenegger” figuram no primeiro caso. “Livros de Julio Cortázar com nome de posição sexual” e “Frase do Augusto Cury ou invenção nossa?”, no segundo.

Por sua vez, as citações, nomeadas **BAŪ**, incluem pensamentos valiosos de Michelangelo, Stanley Kubrick, T. S. Eliot, William S. Burroughs e Douglas Adams. Não se preocupe, nós sempre divulgamos a fonte.

Todo o conteúdo não ocupa mais de vinte minutos, isso se você esquecer os óculos no meio do caminho. Para assinar, basta cadastrar seu email em <http://jornalrelevo.tumblr.com>, ou, em caso de emergência, comunicar o polivalente Daniel Zanella.

Um abraço, O Editor.

# Os pássaros que somos

Kamila Behling

Acho que como toda pessoa no mundo, eu também já tive meus momentos de invejar um pássaro. De querer trocar minhas pernas por asas, minhas obrigações por voos espontâneos e repentinos, meu chão pelo seu céu, minhas condições de viver em uma sociedade doente pela sua infinita liberdade de real e literalmente bater asas mundo afora.

Muito embora por vezes seja embaraçoso ver, a liberdade é sim um pertence nosso de nascença. Não nascemos apenas nus e chorando como costumeiramente fazemos piada. Ao inspirarmos nosso primeiro oxigênio nesse mundo, riquezas como a felicidade, o amor e a liberdade já estavam registrados em cartório antes mesmo do nosso próprio nome. Isso é nítido.

Somos seres que aspiram veementemente a queda livre, o voo, o vento balançando os cabelos, o direito ao grito. Passamos nove meses e sabem-se lá quantas vidas esperando esse momento. Chegamos até aqui para agora nos calarmos? Para seguirmos regras prontas? Para recitarmos teorias que na prática não funcionam? Afinal, para quê toda essa parafernália?

A liberdade deveria ser a nossa principal definição, não as limitações, ou pelo menos não as emocionais, espirituais, afetivas e sociais, mas está tudo ao contrário. E é isso me que intriga e que por vezes me tira o sono, essa mensagem enganosa que pregam pra gente de peito estufado e com ar de desbravadores destemidos sobre a liberdade, os direitos, os deveres, o que é bom, o que é ruim, o que é certo, o que é abominável. Sobre como agir para com esse, sobre como se privar para com aquele. É essa montoeira de tralhas sociais erradas infiltradas e impregnadas entre a nossa natural liberdade que me incomoda, que não nos permite sermos realmente livres como viemos ao mundo e como deveria se suceder a nossa passagem aqui: marcada pela liberdade total de ser e do ser.

Eu não sei ao certo o que na essência significa a liberdade, mas sei que vai além do que o dicionário diz e que toda a definição a seu respeito torna-se pobre e pequena quando comparada a sua verdade num todo. Mas creio que fazer o que se sente no coração é acreditar na mais profunda verdade humana que está aí à mostra e que só exige um pouco mais de delicadeza no olhar para ser percebida.

Portanto, meu pássaro amigo, não se sinta culpado por dar o direito à vida para a tua liberdade. Aquele papo clichê sobre ouvir teu coração e segui-lo é bem mais profundo do que possa parecer. Lutar pelas coisas que a gente acredita jamais será sinônimo de agradar a quem nos cerca e nem é essa a intenção, mas se o que tu busca satisfaz teu espírito, sinta-se feliz e realizado, pois esse é o caminho.

Então, pássaro amigo, veste logo essas tuas asas e vai viver, vai voar. Ouça o que julgar necessário, siga o que dentro de ti concluíres ser a verdade, expresse sempre tudo que tu és, e voa. Só volte ao chão para admirar a liberdade dos pássaros e perceber que não és nada mais nada menos que um deles.

# APONTAMENTO

Vássia Silveira

pintassilgo sabiá periquito e rasga-mortalha:  
eis aqui todo o meu conhecimento dos pássaros.



Gustavo Hessmann Dalaqua

## “Reborn”: a vida que se escreve.

*Susan Sontag e a escrita como constituição de si.*

SONTAG, Susan. “Diários” (1947-1963). Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

“Seria superficial compreender o diário somente como um receptáculo de pensamentos secretos e privados – como um confidente surdo, burro e analfabeto. No diário não apenas me expressei de maneira mais aberta do que pessoalmente; eu me crio. [...] Ele, portanto, não apenas registra minha vida diária e presente, como também – em muitos casos – a oferece uma alternativa.”

“Reborn” é uma compilação dos diários de Susan Sontag (1933-2004), uma das maiores escritoras e ensaístas do século passado. Editado por seu filho, “Reborn” é o primeiro de três volumes consagrados à publicação dos diários da autora nova-iorquina e o único a receber tradução, no Brasil, por Rubens Figueiredo, que o intitulou de “Diários”. O título original evoca uma das passagens iniciais do livro, no qual escrita e renascimento pessoal se afirmam como intimamente relacionados. A prática da escrita como inauguração de si é, de fato, marcadamente presente ao longo de todo o livro. “Escrevo para me definir – um ato de criação de si [*self-creation*] – parte do processo de vir a ser.” Para além de trivialidades quotidianas, os diários de Sontag fornecem ao leitor reflexões maiores sobre o próprio ato da escrita.

“Minha vontade de escrever se relaciona à minha homossexualidade.” Jamais assumida publicamente, a homossexualidade de Sontag recebe atenção considerável em suas anotações pessoais. Embora não procure “justificar” a homossexualidade, a escrita propicia “uma licença”, um modo de aceitar aquilo que realmente se é. “Escrever é existir, é ser si próprio.” A escrita opera como autenticação do eu, espécie de salvação individual capaz de expurgar demônios interiores. Nos diários de Sontag, o empreendimento da escrita figura como tentativa de enfrentar e superar uma relação conturbada com a própria sexualidade.

Aos treze anos, a autora se censura por não se conformar à heterossexualidade: “Eu tentei! Eu queria responder! Queria tanto sentir atração sexual por ele e provar que sou pelo menos bissexual.” À medida que os escritos avançam, a transliteração do desejo transforma a autora, que risca e repudia a frase “pelo menos →

bissexual.” Intervenções externas, entretanto, forçariam Sontag a reprimir sua homossexualidade. Pouco antes de abandonar a casa de seus pais para estudar na Universidade, a escritora é aconselhada a parar de sair com mulheres e encorajada a namorar homens. Seria, ela relata, “sua única chance de ser normal.” Em pouco tempo, Sontag casa com seu professor e, mal completado dezenove anos, tem seu primeiro e único filho, David Rieff. O que se segue são dois anos de silêncio, nos quais quase nada se escreve.

O período de silêncio não é fortuito e reflete a negação de um eu mais profundo, cujo desenvolvimento, Sontag temia, a escrita haveria de despertar. Em inúmeras passagens, “Reborn” acena para a proximidade entre escrita e florescimento individual, ao mesmo tempo em que alerta para o perigo da “linguagem contemporânea de vocabulário fácil”: ela impede a irrupção do que há de mais *sui generis* em cada um e nos condena a vagar pela “superfície do eu.” Em sua visão, a escrita trilha uma vereda de liberdade, que franqueia acesso ao eu mais profundo.

Não surpreendentemente, tão logo regressa à escrita, Sontag revela-se infeliz e dedica vários trechos de seu diário a uma crítica ferrenha do casamento. Quanto mais escreve, tanto mais falsa lhe parece sua relação familiar. Após seis anos casada, Sontag confessa não ser si própria no ambiente doméstico. Cresce o ímpeto de ir para longe do marido; vem daí seu esforço em pleitear uma bolsa de doutorado em Oxford. Concedida a bolsa, Sontag parte para a Europa, deixando o filho aos cuidados do marido.

O abandono familiar se explica, em parte, por aquilo que, pela escrita, a autora descobriu ser sua missão: tornar-se “uma guardiã da cultura”. A estadia no Velho Mundo imprimiria marcas indeléveis na vida da escritora. Abandonando o doutorado na Inglaterra, Sontag fixou residência em Paris e fez da cultura europeia seu pão de cada dia. “Nenhum escritor americano da sua geração”, Rieff escreve em seu prefácio ao livro, “esteve mais associado aos gostos europeus do que minha mãe”. Imersa na vida boêmia da capital das luzes, Sontag travou contato com célebres pintores, músicos, jornalistas, cineastas, diretores teatrais, fotógrafos e escritores. Uma vivência cultural dessa magnitude possibilitaria a autora, mais tarde, se consolidar como verdadeira sumidade da crítica estética. Capaz de falar com propriedade sobre as

mais variadas manifestações artísticas, foi a partir de seus ensaios que Sontag ganhou notoriedade no mundo das letras.

A viagem à Europa foi também uma liberação sexual para a autora. Longe da família, Sontag parou de reprimir seus desejos homossexuais e viveu romances angustiosamente intensos. “Reborn” chega ao ponto de classificar a paixão como “doença”, que tira o eu dos eixos e o despossui. A paixão explode, esgarça as fronteiras do eu individual e o imiscui em outrem, e nisso mesmo reside sua similitude com a escrita. “Para escrever você tem de se permitir ser (de todas as pessoas que é) justamente aquela que não quer ser.” Paixão e escrita põem a nu a plurivocidade do eu e põem em xeque a noção do indivíduo atômico, encapsulado em si mesmo. A escrita nos joga na experiência de habitar outros “eus”, que de algum modo já estariam dentro de nós.

Ao salientar a promiscuidade entre escrita e autocriação, “Reborn” insere-se em uma tradição literária milenar, designada por Foucault de “escrita de si [*écriture de soi*]”. Na antiguidade cristã e pagã, de acordo com Foucault, a escrita de si almejava “revelar, sem exceção, todos os impulsos da alma (*omnes cogitationes*)”. O hábito de não se passar nenhum dia sem uma linha advinha da crença, generalizada entre os antigos, de que as anotações diárias eram imprescindíveis à *askésis*, série de treinamentos que visava a constituição de si. Mais que revelação de desejos interiores, a escrita é, sobretudo, uma forma de construir a si próprio. “É a própria alma”, Foucault explica, “que deve se constituir por meio da escrita”. Entre escrita e escritor existe, pois, mútua incitação. O escritor é alterado por aquilo que escreve, motivo por que a escrita não deve ser compreendida como mero reflexo de algo que existia previamente. Enquanto prática de si, a escrita é essencialmente performativa – quer dizer, ela não apenas reproduz, como também cria realidades.

“Reborn” termina em 1963. Divorciada aos trinta anos, Sontag está de volta a sua cidade natal, morando sozinha com o filho em um apartamento em Manhattan. Prestes a publicar seu primeiro romance, ela é, então, uma escritora relativamente consagrada, contribuinte regular dos cadernos culturais mais importantes de seu tempo. Finalmente segura de sua própria pessoa, após duas décadas acompanhando a vida de Sontag, o leitor conclui que, dentre as benesses da escrita, consta a liberdade. ●

# Esfigmomanômetro

Carolina Goetten

Posso transformar emoções, assim livres, em fisionomia para discerni-las? Quando falo sobre estes assuntos de dentro, encontro barreira logo à entrada do mundo de fora. Quem me dera fosse isso mais fácil! A mente navega entre rios tão profundos que talvez um mar more dentro de mim. Deduzo o pensar como algo sem forma nem figura, e estou certa também de que sequer esta convicção é algo substancial de fato. Imprecisa, postulo o que talvez e o que certamente sejam as coisas todas da vida. A consciência é amorfa tal qual a própria água; isso quer dizer que se configura conforme o contexto onde a colocamos, ou a dimensão da nossa fome, ou se o dia vai bem ou vai mal, e é possível também que tudo isso seja uma enorme perda de tempo e eu deva relaxar e dormir um pouco.

Amar me faz delirante. Conservo a prática absurda de preencher a frente nos cadernos e desconsiderar seu verso, como se não prestasse a qualquer uso. Não que o faça propositalmente; trata-se de costume que sustento há muitos anos. Discorro em frases à frente e viro a página para seguir a história no anverso seguinte. Ali é que escrevo, mas sei que o branco deixado para trás também diz. Há versos no verso que grita o silêncio e talvez seja mais palavra que o texto à sua frente. Ao retomar o trabalho de início, a rever o resultado, também leio os segredos jogados para trás em lacunas sem valor. São trechos de um grande vazio, sutil e discreto em meio à algazarra das palavras, fazendo-se oculto embora se mostre evidente a qualquer olhar sensível; um vácuo que não ousa interromper o papel de prestígio conquistado pelas páginas preenchidas. Mas escrevo em todo o caderno, da fala à mudez. Cada qual ao seu modo, são partes do que existe aqui dentro. Voz e silêncio. Rio e choro, digo e me calo, e assim deduzo que amo.

Esta tortuosa incompreensão me conduziu a Sartre na prateleira da nova casa. A náusea de meus próprios dias fez do livro minha pele e houve então coisa sólida na incoerência da vida. Do exemplar, já antigo, transpirava um cheiro de mofo e mudança – algo que ficou e que saiu, com a longa data de uma

lembrança saturada de odor e memórias, mas que trouxe comigo entre as caixas. Sou, eu toda, peça guardada que se muda. Então o absurdo da vida sou eu, que faço com que o existir aconteça. Se viver não faz sentido a culpa é minha, que existo. Ninguém me mandou estar viva, afinal.

Há sujeira. Vejo o pó incrustado à superfície e nunca deixo de limpar as estantes. Dias depois surge uma fina camada outra vez; está logo pronta a retornar. Se não limpo com alguma frequência será capaz de tomar a casa. É preciso estar sempre atento ao pó que retorna espontâneo e livrar-se dele vez ou outra, para que não nos faça sucumbir a seu reinado numa muralha de poeira mal-resolvida. Sou assim, atenta aos detalhes, e cuido das coisas que foram feitas com carinho. Só com porta-copos e toalhinhas de algodão me permito jantar sobre a mesa da sala. É parte da mobília que viverá comigo a partir de agora, feita por sábios artesãos – gosto de observá-la enquanto imagino o capricho de quem a talhou entre os dedos. O proprietário disse que comprou aquela mesa há muitos anos e me permito pensar que foi concebida no feudalismo. Enquanto isso meu guarda-roupa das Casas Bahia sequer sobreviveu ao transporte pela escada e a porta despencou pelos degraus num baque irreparável. É frágil por não carregar amor nem zelo nem cuidado, foi feita para estragar logo porque é assim que as coisas funcionam aqui neste comensalismo.

A emoção me agrada, mesmo se estou triste. O importante é sentir algo. Penso que os dias se assemelham àquele monitor hospitalar que se acopla ao paciente entre vales e cumes, dores e júbilos, amores e amargos, indicando que a vitalidade se mantém acesa. Se reto, frio, inerte, sem dor nem prazer, sem alto nem baixo, já não há vida ali. Seria o es-fig-mo-ma-nô-me-tro? Preciso perguntar à Iris. No fundo, sei que meus irmãos são sempre a resposta e tudo pergunto a eles. Ontem percebi mais bonito o sorriso dela e ainda mais doce sua sempre alegria. Menina rosa, menina verde, menina índigo blue, carrega nos olhos toda a cor do mundo. Se algum

escritor procura a personagem para uma obra-prima sugiro uma história sobre ela, e que, se possível, tornem-na capaz de voar. Uma menina-pássaro de todas as cores. Hoje não quis cantar Caetano comigo; declarou não gostar de Caetano. Nem mesmo ela é perfeita e é nisso que o mundo me encanta.

Se não há significado na vida, ao menos há evidências daquilo que chamaram de amor e faz com que as coisas sejam sentidas sob a forma de emoções. Comprovo em Iris esta constatação. Não é a queratina que constitui seu corpo nem são músculos o que sustenta seu coração. É toda amor. O que corre nas veias, produz energia, conecta as articulações e abre seu sorriso são amor numa admirável fortaleza. É isso, talvez, o que importa. A irmã que aprecia músicas de qualidade questionável e as canta num sorriso que não me atrevo a contrariar. O irmão que mostrou ser possível e deliciosa a vida sem carne. O pai que não compreendo e não me compreende também.

Ao menos existem irmãos, Sartre, a mesa. Penso em Sávio e em Clara, grande amiga, que não desistiu frente às calamidades e hoje busca sentir de novo qual gosto têm os dias. O amor deles impregnou-se do pó acumulado ao longo de toda uma vida. Acho que jamais ou poucas vezes arriscaram limpar as superfícies que se sujavam no dia a dia em finas camadas cotidianas; passavam por elas como se nada houvesse ali. Quando muito tempo já havia se passado é que se deram conta da muralha de poeira que passara a reinar em sua vida, e nenhum espanador, conversa ou dose de compreensão deu conta de expurgá-la.

Há dias em que sinto raiva. Reconhecer que se sente raiva e desejar não senti-la a torna mais branda? Faz de mim pessoa menos cruel? A vida passa por aqui sem que eu a compreenda e tenho ganas de sabê-la, tocá-la, entender tudo que é. Mas penso no amor e a raiva logo passa; não há tempo a perder com o que não compreendo porque observo ali na estante uma nova camada de poeira, e, antes de seguir com a vida, é preciso tirar o pó. •

# Notas sobre uma quarta-feira de cinzas entre quatro capas

Julie Fank

toda sua, ela diz  
mentira, não fui eu que fiz  
ela insiste  
[para que caminho eu ia mesmo,  
espirro sem cobrir a boca com as mãos]  
tiro a roupa, deixo as malas no seu quarto  
a bolsa na sala avisa os moradores que tem mais alguém aqui  
não preciso de roupão  
o trio elétrico passa lá embaixo  
a quatro sentidos de distância, só ouço  
mas o que interessa é o carnaval que acontece aqui dentro  
[tem escritas que não saem de mim  
até minha caneta expulsá-las num sus(r)to verborrágico  
jorro de quem não sabe o que fazer com as mãos]  
gozo infame  
sem chinelos, sem visitas, deixei de ser uma faz tempo  
estou em casa, você também  
geladeira cheia  
mala vira guarda-roupa provisório  
e os livros acham um lugar para se acomodar  
você tem uma estante de literatura latino-americana?  
só não tenho lugar para teoria  
que grande besteira, penso

livros sobre a mesa  
já tentei seguir manuais, nenhum funciona, por que você ainda  
guarda?  
e as fotos da mãe, do pai, do menino que foi filho e morreu, da vó,  
do cachorro, daquele dia  
as gramáticas balzaquianas recém editadas de acordo com a  
norma  
ortográfica estrábica  
no canto da mesa, os livros de poesia  
um César, um Szymborska, um Pessoa, um de barro  
cortázares despedaçados

um livro de barro, sólido equilibrista  
outro livro de vidro  
não sou seu bibelô para repousar na parede  
pa  
re  
de  
outro  
livro  
Um Livro  
saramagos descansam já sem fôlego  
pós-modernos recarregam-se minúsculos  
dimnuídos pelos dicionários imponentes  
românticos agonizam  
romances insistem  
pe  
da  
ço  
co  
la  
gem  
um texto  
dentro do outro  
eu dentro de você  
até engolirmo-nos  
literatura é necessidade fisiológica

[o mundo lá fora se achando poesia  
e a prosa aqui toda verso]  
nós dois e o tapete  
apaga a luz, por favor  
para que estabelecer estantes  
[a ficção é sempre a pilha mais torta]  
a poesia (se) equilibra  
estamos todos no escuro



## treze fragmentos do filme: ninguém tem ressaca, só eu.

Maria Mion

cena 1// ela divertida e seminua sentada toda torta na banquetta do balcão se lambuzando de mostardaemel com seus 30cm de sanduíche.

cena 2// acorda, domingo, cabeça e estômago latejando. na cozinhasala – copos garrafas farelos. fareja, acha a pizza que sobrou. nada+junkie

cena 3// na cozinha. discutem sobre uma provável traição futura, ela coloca em xeque seus impulsos lésbicos contra a monogamia autoimposta.

cena 4// – maria, sabe olhos de angústia? consegue fazer? maria...

cena 5// ele sentado na frente dela paralisado enquanto ela – coloca os cabelos para o alto – discorre sobre alguma banalidade semintelectual.

cena 6// ela sem jeito sem roupa só de sandálias apoiada na beirada da poltrona encara ele – depois do gozo – fumando no parapeito da janela.

cena 7// fotofobia. o sol estupra suas retinas. colchão no chão de uma sala desconhecida. coca na mesa espelhada. dois estranhos no sofá.

cena 8// o contorno do rosto dele iluminado pelo fogo do isqueiro enquanto acende mais um cigarro e fala sobre os contornos dela – na chuva

cena 9// vila buarque. balcão de padaria. chove enquanto ela toma um litro de um café ruim e ele diz – isso só pode ser autoflagelo, maria.

cena 10// ela fitando a boca dele [30cm de distância] você é de libra, eu tenho uma coisa com librianas e é muito charmosa e sabe disso, não sabe?

cena 11// ela cozinha pra ele que ergue a saia dela até a bunda transam na cama pra um ele de meias e o molho vermelho que queima na panela.

cena 12// rádiorelógio sem cortinas solnacara pintas nas costas dele - vou colocar uma música de acordar – quer café? – belas meias, maria.

cena 13// entediada, janta sozinha no hotel cincoestrelas em sp. na oitava taça de vinho branco sem calcinha abrindo as pernas pro gringo que faz check-in.

Isabella Lanave